

FHC JORNAL DA TARDE 02 MAI 1991

Motivo para preocupação

Matéria publicada em nossa edição de ontem, assinada por nosso companheiro da Sucursal de Brasília, Ricardo Amaral, mostra que é grande a possibilidade de termos, logo adiante, uma mudança drástica dos rumos do governo Fernando Henrique.

A matéria, que é produto de conversas do jornalista com membros da "entourage" do presidente, revela, em primeiro lugar, que Fernando Henrique não nutre muitas ilusões sobre os efeitos políticos das mudanças ministeriais que fez com o objetivo de consolidar suas bases de apoio no Congresso.

Por isso, antes mesmo que o seu novo ministro especial para Assuntos Políticos pudesse começar a cumprir sua missão, repete o recado que mandou, pela primeira vez, quando visitava a Argentina. Agora é tudo ou nada. Esgotou-se o tempo das negociações e das concessões. Ou as reformas que tramitam no Congresso são aprovadas sem maiores alterações até outubro, ou o governo desiste delas e toma novos rumos, dando prioridade para a área social. Como, no caso de não serem aprovadas as reformas das quais depende a consolidação da estabilidade da economia, não é hora ainda de explicar.

Mas não é tanto o conteúdo desse recado repetido via conversas *off the record* com jornalistas que nos preocupa.

O que nos parece cada vez mais preocupante é o tom em que ele é dado, que confirma a progressiva desestabilização emocional do presidente Fernando Henrique Cardoso. Já havíamos comentado aqui, em editorial recente, a mudança do estilo do presidente, determinada pela alteração certamente involuntária do seu temperamento, até há pouco tempo caracterizado pela serenidade imperturbável, traduzida num sorriso permanente que as repetidas crises políticas nunca afugentaram. De uns tempos para cá, no entanto, vinha-se notando a transformação. A serenidade foi interrompida em alguns episódios, o sorriso tornou-se intermitente, houve a confissão de que

a paciência tinha chegado ao fim e, em certo momento, até a confissão de que sentira raiva.

Finalmente, anteontem, na cerimônia da posse do ministro da Reforma Agrária, tivemos pela primeira vez desde que assumiu a Presidência uma demonstração ao vivo de descontrolo emocional. Irritado como nunca antes o víamos, crispado mesmo, Fernando Henrique interrompeu seu discurso para repreender rispidamente a plateia que o incomodava com o burburinho de conversas cochichadas. Os termos da repreensão — "eu acredito que em certos momentos se faz necessária a atenção e o respeito, se não ao presidente, ao tema em discussão" — dão bem a medida do estado de tensão em que se encontra o presidente neste momento. É claro que ele tinha motivos de sobra para estar tenso naquela cerimônia, muito mais importantes do que a simples falta de educação da sua plateia. Depois da interrupção da tramitação da emenda da Previdência por uma liminar de um ministro do STF, houve a chacina de Curionópolis, que o levou a criar um ministério especial para apressar uma reforma na qual ele não acredita — vide seu prefácio ao livro *A Tragédia da Terra*, do seu ex-colaborador Francisco Graziano — e naquele mesmo dia em que empossava o ministro da Reforma Agrária ele assinara o aumento do salário mínimo sabendo o que lhe custaria politicamente o dever de não sucumbir à tentação da demagogia.

É dose para estressar qualquer presidente da República.

Mas nós não estávamos acostumados a ver Fernando Henrique com sintomas de stress. Este não é o momento de ele anunciar, nem mesmo através de recados por interpostas pessoas, novas orientações e novos rumos.

Vamos esperar que a próxima viagem a Paris o ajude a reencontrar-se consigo mesmo. Afinal, não foi para isso que ele nomeou o deputado Luiz Carlos Santos ministro dos Assuntos Políticos?